

10450 - Assistência Técnica e Extensão Rural – ATER aos povos indígenas: relatos de uma experiência com as comunidades Tremembé de Acaraú

Rural and Extension Service – ATER to indigenous peoples: an experience with accounts of the communities of Tremembé Acaraú

LOPES, Ronaldo Santiago.¹; BEZERRA, Tiago Silva.²

1 Sociólogo, UVA/Sobral, ronaldosl.sobral@gmail.com; 2 Estudante de Zootecnia, UVA/Sobral, tiago_zootec@hotmail.com

Resumo

A proposta deste trabalho é discutir a ATER Indígena a partir das experiências obtidas junto as comunidades Tremembé do município de Acaraú/CE. Os autores acreditam que a assistência técnica agroecológica às famílias indígenas precisa contemplar, além das questões produtivas, a história, a etnicidade e as formas organizacionais próprias destas comunidades. A partir do diálogo entre a Antropologia, Agroecologia e os saberes indígenas endógenos, esta experiência têm evidenciado a eficiência deste modelo de ATER Indígena e ao mesmo tempo, elevando as aldeias Tremembé de Acaraú à condição de referência na construção da autonomia e emancipação dos povos indígenas do Ceará.

Palavras-chave: Ater; Índios Tremembé; Agroecologia

Abstract

The purpose of this paper is to discuss the Indigenous ATER from the experiences obtained from the communities of the municipality of Tremembé Acaraú/ CE. The authors believe that technical assistance to Indian families agroecological must look beyond issues of production, history, ethnicity and organizational forms of these communities themselves. From the dialogue between Anthropology, Agroecology and indigenous knowledge endogenous, this experience have shown the efficiency of this model ATER Indigenous and at the same time, raising the villages of Tremembé Acaraú reference to the condition of the construction of autonomy and empowerment of indigenous peoples Ceará.

Key-words: Ater; Tremembé Indians; Agroecology

Introdução

Esta comunicação é fruto de um trabalho que vem sendo desenvolvido pelos autores desde o ano de 2009, num projeto de assessoria e Assistência Técnica e Extensão Rural – ATER Indígena às comunidades Tremembé de Queimadas e Telhas, no município de Acaraú, no litoral oeste do Ceará, distante 235 km de Fortaleza. A partir desta experiência de trabalho foi possível fazer algumas considerações sobre o papel da assistência técnica para o etnodesenvolvimento e autonomia das comunidades indígenas.

Objetivos

A proposta dessa comunicação é relatar as experiências obtidas a partir do trabalho de

ATER Indígena realizados a partir do ano de 2009, partindo do pressuposto de que o trabalho desenvolvido pelos técnicos, no âmbito da assistência técnica, precisa contemplar em seu bojo não somente a dimensão produtiva, mas também o conhecimento histórico, as relações sociais e a etnicidade do grupo. Esta perspectiva encontra consonância metodológica e epistemológica no diálogo entre a Agroecologia e a Antropologia.

Metodologia

O enfoque metodológico para a realização deste trabalho seguiu a perspectiva interdisciplinar de unir vários campos do conhecimento científico e os saberes indígenas para promover uma ação consciente, dialogada e planejada de modo a construir aquilo que Cardoso de Oliveira (2000) denomina de uma *comunidade de comunicação e argumentação*, ou seja, o estabelecimento de um espaço de relações simétricas, marcadas por um diálogo entre técnicos e indígenas, que se encontram num nível discursivo de linguagem que assegure relações pautadas por uma *eticidade* e por um ambiente democrático.

Para tanto, todo o processo de execução do trabalho foi orientado a partir de duas dimensões: antropológica e agrícola. O trabalho de campo, vivenciado nos dias de visita de acompanhamento técnico foi utilizado para, além da ação técnica, observar atentamente as dinâmicas socioculturais internas, conflitos, relações de poder entre outros aspectos, de modo que as ações tomadas fossem pautadas pelas dimensões antropológicas do *olhar* e do *ouvir*, apontadas por Cardoso de Oliveira (1998). Além disso, os sentidos antropológicos serviram de base para compreensão e necessidade de uma assistência técnica diferenciada que perceba os aspectos cosmológicos, sociais e endógenos de cada comunidade, como lembram Soares e Trindade (2008).

A utilização de metodologias participativas também foi fundamental para a execução de todas as etapas do trabalho de ATER Indígena. De acordo com a Política Nacional de Assistência Técnica e Extensão Rural – PNATER, os serviços públicos de ATER devem ser executados mediante o uso de metodologias nos quais seus agentes desempenhem um papel educativo, atuando como animadores e facilitadores de processos de desenvolvimento rural sustentável, privilegiando o potencial endógeno das comunidades e territórios, estimulando e interagindo com os conhecimentos das famílias agricultoras e demais povos que vivem e trabalham no campo¹.

Neste sentido, a construção de Diagnósticos Rurais Participativos – DRP's possibilitou que as famílias indígenas pudessem ter uma visão mais ampla das aldeias, reconhecendo seus limites, dificuldades e potencialidades. Segundo Verdejo (2006), o Diagnóstico Rural Participativo (DRP) é um conjunto de técnicas e ferramentas que permite que as comunidades façam o seu próprio diagnóstico e a partir daí comecem a autogerenciar o seu planejamento e desenvolvimento. Desta maneira, os participantes poderão compartilhar experiências e analisar os seus conhecimentos, a fim de melhorar as suas habilidades de planejamento e ação.

Através de dinâmicas, formação de grupos e dos posicionamentos colocados durante o processo, foi possível identificar as potencialidades e os principais obstáculos ao

¹ PNATER, 2007.

etnodesenvolvimento sustentável das aldeias, traçando ações, metas e projetos visando o planejamento e a organização necessários à sustentabilidade socioeconômica, cultural e ambiental das aldeias Tremembé.²

Nos aspectos produtivos e ambientais, a metodologia foi orientada pelos referenciais da Agroecologia, tendo o “*agroecossistema*” como conceito-chave e norteador de todo o processo de trabalho. Segundo Altieri (2004), no agroecossistema os ciclos minerais, processos biológicos e as relações socioeconômicas são vistas e analisadas em seu conjunto, numa perspectiva sistêmica. Segundo Costa Neto (2004), o agroecossistema representaria o ponto de conexão produtiva entre a natureza e a sociedade e, como tal, oferece um contexto operacional adequado para a análise dos diversos fatores que condicionam as atividades agrícolas e pecuárias nas sociedades agrárias, servindo também como objetos de análise, dado que suas características são o resultado da intervenção humana nos ecossistemas naturais.

De acordo com Caporal (2009), sob o ponto de vista da Agroecologia, o que interessa não é a maximização da produção de uma atividade particular, mas a otimização do agroecossistema como um todo, o que significa a necessidade de uma maior ênfase no conhecimento, na análise e na interpretação das complexas relações existentes entre as pessoas e o ambiente.

Resultados e discussão

No aspecto organizacional, o trabalho consistiu no assessoramento às aldeias no processo de institucionalização através da criação dos Conselhos Indígenas, já que as comunidades apresentavam situações bem parecidas: ambas se encontravam fragmentadas e não possuíam qualquer tipo de instituição juridicamente reconhecida que pudessem representá-las.

A partir de reuniões coletivas semanais os problemas internos da aldeia eram colocados, discutidos e debatidos pela comunidade. O papel dos técnicos era mediar as discussões tentando extrair deles mesmos as soluções para os entraves e problemas da aldeia. Todas as questões de interesse das aldeias eram discutidas e deliberadas em assembléia e executadas pelos Conselhos Indígenas.

Como resultado da criação dos Conselhos, os Tremembé de Acaraú passaram a estar aptos a participar de projetos e programas sociais, além de estarem participando de instâncias de deliberação de políticas públicas como o Território Rural do Litoral Extremo Oeste, estratégia de desenvolvimento territorial dos governos estadual e federal.

Há pouco mais de um ano de sua realização, pôde-se observar que as ações e projetos desenvolvidos nas aldeias Tremembé estão em conformidade com o que havia sido desenhado nos DRP's, comprovando a eficácia do diagnóstico para fins de planejamento e organização das atividades, como também para respaldar e legitimar as decisões coletivas em detrimento de interesses particulares e individualistas.

Os resultados econômicos e ambientais podem ser vistos a partir da apropriação dos conhecimentos agroecológicos pelos indígenas. Inicialmente nem todas as famílias das

² Cf. Lopes e Bezerra (2010).

duas aldeias se apropriaram da proposta e quiseram participar das capacitações em Agroecologia. Isso é importante ser considerado, pois há casos em que a mudança de comportamento e de visão sobre o processo agrícola pode ser muito brusca, do ponto de vista cultural, para algumas pessoas que não querem se arriscar numa outra forma de fazer agricultura; afinal, são décadas praticando uma mesma forma de manejo.

Por esses motivos é importante canalizar a energia e intensificar as ações com aqueles que estão avançando, mas respeitando os que necessitam de mais tempo para desenvolver suas ações, considerando sempre o tempo de cada indígena e não o tempo dos técnicos ou o do projeto.

Após o curso, cerca de 10 famílias das duas aldeias decidiram fazer essa mudança e implantar seus sistemas de base agroecológica. As famílias indígenas experimentadoras decidiram mudar a forma de manejar a terra, construindo ao invés de roçados itinerantes de baixa diversidade e com espécies de ciclos curtos, sistemas agrícolas complexos (sistemas agroflorestais, policultivos, roçados agroecológicos, etc.) com culturas de ciclos curto, médio e longo prazo, transformando suas áreas em verdadeiros laboratórios, Unidades Demonstrativas – UD que servem de espelho do trabalho da comunidade.

As famílias que iniciaram a transição agroecológica atualmente estão trabalhando e vivendo do sustento retirado na própria aldeia com a horta comunitária e os pomares cujos produtos estão sendo comercializados através do Programa de Aquisição de Alimentos – PAA da CONAB. Além da horta, as comunidades construíram viveiros de mudas, cujas primeiras plantas já foram distribuídas às famílias das aldeias para a implantação de quintais produtivos. As mulheres indígenas estão beneficiando alimentos que seus maridos produzem, como o bolo de macaxeira e a tapioca, e também estão entregando produtos para a CONAB.

Entretanto, os resultados mais significativos são: em primeiro lugar, as famílias que resistiram à mudança estão aderindo ao modelo de agricultura ecológica e, como consequência desse fato, a redução drástica do número de queimadas e desmatamentos, sobretudo na aldeia Queimadas, tendo em vista que a produtividade e qualidade dos legumes plantados em roçados ecológicos têm convencido as famílias indígenas da viabilidade do sistema agroecológico. Soma-se a isso também, o trabalho de fiscalização realizado conjuntamente pela FUNAI e o IBAMA.

Considerações finais

A proposta deste trabalho foi mostrar, através de uma experiência que vem sendo vivenciada junto às comunidades Tremembé do município de Acaraú, que a assistência técnica agroecológica às famílias indígenas precisa contemplar não somente as questões produtivas, agrícolas, mas também deve compreender as outras dimensões da vida como a história, a cultura, a dimensão ambiental e as formas organizacionais próprias destas comunidades (Baniwa, 2005; Verdum e Araújo, 2010).

Esta experiência têm evidenciado a eficiência deste modelo de ATER Indígena e ao mesmo tempo, vem elevando as aldeias Tremembé de Acaraú à condição de referência na construção da autonomia e emancipação dos povos indígenas do Ceará.

Referência bibliográficas

ALTIERI, Miguel. **Agroecologia: a dinâmica produtiva da agricultura sustentável**. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2004.

BANIWA, Gersem. Um “olhar indígena” sobre a assistência técnica e extensão rural. In: Ricardo Verdum (Org). **Assistência técnica e financeira para o desenvolvimento indígena: possibilidades e desafios para as políticas públicas**. Rio de Janeiro / Brasília: Contra Capa / Nead, 2005.

CAPORAL, Francisco Roberto. **Agroecologia: uma nova ciência para apoiar a transição a agriculturas mais sustentáveis**. Brasília: 2009.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. **Ação indigenista, eticidade e o diálogo interétnico**. Estudos Avançados. Vol. 14, nº 40: São Paulo, 2000.

_____. **O trabalho do antropólogo**. São Paulo: Paralelo 15, 1998.

COSTA NETO, Canrobert. Discutindo referenciais para a construção de saberes socioambientais, Sociologia e Desenvolvimento Rural Sustentável: a alternativa Agroecossocio-lógica. In: João Carlos Canuto e José Antônio Costabeber (Orgs). **Agroecologia: conquistando a soberania alimentar**. - Porto Alegre: Emater/RS-Ascar; Pelotas : Embrapa Clima Temperado, 2004.

LOPES, Ronaldo Santiago. & BEZERRA, Tiago Silva. **Diagnóstico Rural Participativo – DRP da Aldeia Tremembé de Queimadas**. Acaraú, 2010.

PNATER. **Política Nacional de Assistência Técnica e Extensão Rural**. Brasília: MDA, 2007.

SOARES, Mariana de Andrade; TRINDADE, Luis Alberto. **Um novo olhar sobre a ATER indígena no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: EMATER/RS-ASCAR, 2008.

VERDEJO, Miguel Expósito. **Diagnóstico Rural Participativo – DRP: Um guia prático**. Brasília: MDA, 2006.

VERDUM, Ricardo e ARAUJO, André (Orgs). **Experiências de Assistência Técnica e Extensão Rural junto aos Povos Indígenas: O Desafio da Interculturalidade**. Brasília, DF: Nead / SAF, 2010.